

PATRIMÔNIO CULTURAL, BLOGS E EDUCAÇÃO

Claudefranklin Monteiro Santos¹

RESUMO

Frente ao aumento das mídias e das redes sociais, é urgente a discussão sobre patrimônio cultural e educação. Fundamentado nas estratégias do didatismo, do oportunismo pedagógico e no debate em torno da moderna compreensão de patrimônio, a presente comunicação reflete sobre o papel dos blogs no ensino de história e como aporte para a valorização e salvaguarda dos bens culturais num tempo cada vez mais dominado pela memória virtual e pela linguagem cibernética.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural - Blogs – Educação.

ABSTRACT

Front to the increase of the media and of the social nets, it is urgent the discussion about cultural patrimony and education. Based in the strategies of the didatismo, of the pedagogic opportunism and in the debate around the modern patrimony understanding, to present communication it thinks about the paper of the blogs in the history teaching and as contribution for the valorization and safeguard of the cultural goods in one time more and more dominated by the virtual memory and for the cybernetic language.

Keys-word: Cultural Patrimony - Blogs – Education.

INTRODUÇÃO

A concepção antiga de história (Heródoto) já trazia em si a preocupação com a imortalidade humana, o desejo de ser eterno como os deuses; daí a necessidade de salvar os feitos humanos. Os homens são mortais, logo seus feitos são perecíveis também, salvo se os queira e os tente eternizá-los pela *mnemosine*². Nesse caso, o reforço da recordação sempre foi a estratégia para ser lembrado, viver mesmo depois de morto fisicamente: monumentalizar, cristalizar, materializar.

¹ Licenciado em História e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em História pela UFPE. Professor de Patrimônio Cultural do Departamento de História da UFS. Pesquisador do Grupo Culturas, Identidades e Religiosidades (GPCIR-UFS/Cnpq-UFS).

² ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o Futuro**; Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

Vivemos dias em que a perenidade das coisas é gritante. A certeza disso está na forma cada vez mais virtual de se relacionar, produzir ciência, e até mesmo nas coisas mais comuns de nosso cotidiano. Outro dia, numa de minhas idas de coletivo à UFPE, ainda que não fosse novidade me surpreendi com uma jovem estudante passando pela catraca, apontando para um leitor ótico o seu cartão de passe. Na Livraria Cultura, ficava feito menino a conferir (e me assustar, também) os preços dos CDs e DVDs dos Beatles e uma porção de livros para a minha tese (que depois de pronta deve ser entregue em pdf e ficará disponível on-line para todo o mundo). Cada vez mais nos cercamos de softwares e hardwares por todos os lados, tornando nossas certezas instáveis e nossas memórias cada vez mais fluidas.

Colecionamos milhares de seguidores no twitter. Mas sequer temos alguém para dividir uma cerveja num barzinho. Aos montes, redes sociais explodem pela web, cruzando histórias, pessoas, mas não necessariamente, vidas. É conta do Orkut, do facebook, do badoo, enfim, é a realidade sob nova faceta: virtual ou artificial. Como diria François Hartog: “estamos entre a amnésia e a vontade de nada esquecer”³, que definiria um novo regime de historicidade marcado pelo futuro já e agora, no presente.

Frente a tudo isso, como definir patrimônio cultural? O que ainda podemos guardar e proteger que não seja medido em mega ou gigabytes? Qual o papel social das novas mídias e das novas tecnologias num processo cada vez mais necessário de educação patrimonial? São as redes sociais, sites e blogs males a porem em risco a idéia de salvaguarda de nossos referenciais e identidades? Quais os novos caminhos a serem seguidos pelos educadores num mundo cada vez mais digital?

Desde as primeiras discussões sobre patrimônio cultural que predomina a ênfase no material. Os chamados bens culturais de pedra e cal foram a marca definidora do que se entendeu por anos como sendo patrimônio histórico e artístico. Os hoje denominados bens culturais intangíveis, como danças, música, entre outros, estavam fora do rol das engenharias que identificassem o homem como um ser cultural que imprime identidade ao que faz, pensa e sente. Reconhecer o patrimônio cultural imaterial, embora que tardio, talvez tenha sido o primeiro exercício de convivência com o que é volátil nesses tempos de internet.

³ HARTOG, François. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez. 2006. p. 271.

A tarefa de discutir essas três categorias (patrimônio cultural, blogs e educação) foi um desafio do qual não hesitei um só momento em levar a cabo. Isso me pareceu tão desafiador quanto apropriado, pois nos incita a pensar nossa prática docente num mundo cada vez mais interativo e midiático. É salutar saber em que medidas vão ou podem estar os debates em torno do patrimônio cultural à luz de recursos, a meu ver, didáticos, como o **blog**⁴, este que em tese seria: um diário de bordo sobre o que está acontecendo e acontece, público e interativo. Digamos que, forçosamente, um jeito novo de escrever história.

O esforço foi quase hercúleo, primeiro pelo ineditismo da temática, segundo pela necessidade que tive de devorar autores e trabalhos que pudessem me subsidiar na exposição e debate. Para tanto, proponho uma discussão em torno de trabalhos, sobretudo voltados para pensarem essa relação entre novas tecnologias, educação e patrimônio cultural, com vistas a apontar para novas possibilidades didáticas no ensino de história, e até mesmo numa pesquisa de educação patrimonial, talvez o mote da questão de nossa, espero, fecunda empreitada.

DIDATISMO E PEDAGOGIA DA OPORTUNIDADE

Ciberneticamente falando, o efeito Avatar é o condutor dessa relação entre Patrimônio Cultural, Blogs e Educação. A Revista Veja do dia 06 de abril de 2011, na seção Sobe e Desce⁵, traz um dado que atesta essa tese: nos dois últimos meses de 2011 o número de adeptos ao Facebook aumentou em 45,5%. Essa tendência a viver uma realidade virtual, projetada e idealizada como no antigo mito Hinduísta é a tônica do tempo presente.

E o que isso tem a ver com patrimônio cultural? Em que momento o chamado efeito Avatar pode por em risco (se é que põe) questões como referencial identitário, proteção, salvaguarda, preservação, tradição, memória, pertencimento e história? Estariam as relações humanas tão fluídas a ponto de negarmos a essa discussão algo que se lhe apresente como um aparente perigo iminente?

⁴ Web (rede) + log (informe, notícia, tornar conhecido) = Blog (abreviatura de web + log). Numa tradução não necessariamente literal: **rede de informação**.

⁵ Revista Veja. Seção Sobe e Desce. **Editora Abril**, Rio de Janeiro, Edição 2211, Ano 44, nº 14, 2011. p. 54.

Ao longo de mais de 15 anos na docência, tendo experimentado várias situações de ensino-aprendizagem, duas convicções ainda me perseguem positivamente:

1) para educar não existe nada que não seja ou possa ser ferramenta de educação; a isso é chamado de **oportunismo pedagógico ou pedagogia da oportunidade**. Se uma instituição de ensino bloqueia o acesso ao Orkut, por exemplo, eu o transformo em oportunidade de aprendizagem. Algo do qual, por mais permissivo que possa parecer para uma ala falso-moralista da pedagogia, eu possa garantir meios de atingir meu aluno com informação e conhecimento, por fazer parte exatamente dessa realidade Avatar que ele e nós todos vivemos. Educar não pode ser estranho ao meu aluno.

2) eu sou professor e para tanto não devo tornar o conhecimento distante do meu aluno; é meu dever fazer com ele seja amigo do conhecimento (não seria isso filosofia?). Minha bagagem teórica não deve fazer com eu perca de vista a ideia de que eu leciono e no meu caso específico, formo professores. A isso se chama **didatismo**.

NOVOS TEMPOS, NOVAS NECESSIDADES E NOVAS IDENTIDADES

Nesse sentido, me parece ser esse direcionamento que devemos dar a essência desse debate que nos propomos a fazer. Embora toda essa discussão em torno de uma vigência de uma realidade marcada pela fluidez dos nossos tempos, é preciso reconhecer a importância dos blogs (nesse caso específico) para uma reflexão mais refinada de patrimônio cultural, centrada na educação.

Para tanto, vou apoiar-me em três textos que dão conta de apontar alguns direcionamentos importantes, que não só tornem uma aproximação possível entre patrimônio cultural, blogs e educação, mas também quer nos fazer lembrar questões da docência em história e da pesquisa histórica mesmo.

Longe de discorrer sobre algo mais sistematizado a respeito de patrimônio cultural, algo mais conceitual, me parece que aqui cabe mais refletir sobre a sua presença e atuação na contemporaneidade.

Muito se discute sobre presentismo e até o confunde com uma história do tempo presente. À luz do conceito de regime de historicidade, François Hartog mostra como o patrimônio cultural ganhou corpo, sobretudo após a queda do Muro de Berlim em 1989,

e como passou a se dá sua relação com a uma temporalidade fugidia, que se perde numa amnésia contraditória, como já apresentamos anteriormente.

Para tanto, afirma o autor: “[...] o patrimônio se impôs como categoria dominante, englobante, senão devorante, em todo caso, evidente, da vida cultural e das políticas públicas.”⁶ Exatamente pela necessidade atual de buscar fincar raízes, referenciais ou identidades que se perdem num mundo volátil onde categorias como espaço e tempo se evaporam em incertezas, multiculturalismo e pluralismo culturais, sem falar em seu motriz gerador: a globalização galopante.

Quando a UNESCO preconizou que ao entendimento de patrimônio carecia o acompanhante cultural, em jogo estava a abrangência do termo, capaz de explicar a ação engenhosa da humanidade em seus diversos matizes: do material ao imaterial; das artes à natureza; “do cabaré ao lar”.

As afirmações identitárias, étnicas, de gênero, religiosas, da moda, do imediatismo, correram década de noventa adentro, alcançando o século XXI contemporizadora de conflitos ou não, com redefinições de espaços, categorias, enfim, forjando novas forças sociais capazes de imprimir ao nosso tempo um universo multifacetado de possibilidades de patrimônio, inclusive nessa relação com esse *métier* cibernético.

Como diz Hartog:

[...] O patrimônio se apresenta então como um convite à anamênese coletiva. Ao “dever” da memória, com a sua recente tradução pública, o remorso, se teria acrescentado alguma coisa como “ardente obrigação” do patrimônio, com suas exigências de conservação, de reabilitação e de comemoração.⁷

Terry Eagleton⁸ fala de uma teoria pós-colonial que havia emergido a partir dos anos 1970 e que reverteu o foco de classe para o foco de etnicidade. Com isso, uma espécie de “política de identidade” explode por todo o mundo, se apoiando na necessidade de construir raízes e pertencimentos dos mais variados, onde, a meu ver, o patrimônio cultural seria o mote da questão. Mas ao passo em que isso ocorre com

⁶ HARTOG, François. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez. 2006. p. 265.

⁷ HARTOG, François. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez. 2006. p. 266.

⁸ EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria**. Um Olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

força, na mesma proporção surgem identidades instáveis que criam um clima de instabilidades e incertezas.

O próprio Hartog discute uma onda do “tudo patrimônio” que alcança limites inimagináveis aos mais afeitos à tradição, à originalidade, à antiguidade. Neste sentido, estariam os defensores do patrimônio fadados a reconhecer num futuro bem próximo uma espécie de patrimônio digital?

É isso que vai levar o autor a dizer, com muita propriedade, que o patrimônio hoje em dia seria um recurso para o tempo de crise. De certo modo, vivemos um momento de crise de identidade, mas não de seu fim; onde as certezas são instáveis, onde tudo se processa na velocidade dos megabytes que circundam as relações humanas de nosso século.

Penso que negar isso é como a imitar um avestruz e enterrar a cabeça num lodo de fluidez e efemeridade, que podem ser traduzidas e ressignificadas para coisas inacreditavelmente pertinentes na seara do patrimônio cultural, como as que propomos ao longo desse texto e que marcam os nortes do oportunismo pedagógico e do didatismo, meios pelos quais se abrem em avenidas novas possibilidades como as do uso pedagógico e didático dos blogs, sobretudo os voltados para essa temática tão controversa que é a do patrimônio cultural nos moldes em que se apresentam hoje.

Nesse sentido, à guisa mesmo de reflexão sobre o que vimos dizendo, vale pensar no que afirma Hartog: “[...] o futuro não é mais um horizonte luminoso para o qual marchamos, mas uma linha de sombra que colocamos em movimento em direção a nós, enquanto parecemos marcar passo no presente e ruminar um passado que não passa”.⁹

No que diz respeito ao incremento de novas tecnologias, é salutar pensar sobre algumas coisas que se apresentam até mesmo como justificativa ou para aceitar ou para reprovar sua inserção no ensino de história e no trato com as questões de memória e patrimônio. Se a realidade virtual é ou pode ser sinônimo de esquecimento é algo para se observar com muito desprendimento. Teria ou estaria a história e seu **caráter**

⁹ HARTOG, François. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez. 2006. p.273.

pedagógico¹⁰, verificado desde Tucídides (assumindo novas faces ao longo do tempo), ameaçado com o advento das novas tecnologias?

BLOGS, PATRIMÔNIO CULTURAL E EDUCAÇÃO

Uma das grandes contribuições da Escola dos Annales¹¹ foi a de convencer-nos das muitas possibilidades de novos objetos e de novas temáticas. A internet vem armazenando nos últimos anos, sobretudo em blogs, uma quantidade de dados os quais de algum modo registram os acontecimentos. Não seria de todo uma aberração afirmar que serão fontes dos historiadores num futuro bem próximo.

É fato que teria que entrar no mérito e no crivo da academia e suas infundáveis discussões teórico-metodológicas, mas para tanto nunca é demais observar que: “[...] A história só existe enquanto entendida como um processo comunicativo. Qualquer documento só adquire importância na medida em que é percebido, ou seja, na medida em que comunica”¹².

Com os blogs, o texto, a palavra geradora da noção tradicional de história, é agora apresentada em caracteres binários, virtuais, com som, imagem e outros recursos cibernéticos. Se tais coisas são perenes e não palpáveis, o que dizer de diferente das outras: pedra, papiro, argila, papel, pergaminho, oralidade, que em tese, tornam-se “prótese da memória”¹³

Um novo vão se abre sobre as certezas do historiador e conduz a um caminho para uma nova discussão de verdade na história e hermenêutica, não sendo diferentes também na formação de professores e no ensino de história. Negar isso não seria uma atitude inteligente e não se debruçar sobre, já seria o fracasso anunciado de mais uma nova oportunidade de refinamento de nossa seara historiográfica.

¹⁰ MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, R. D. P. Memória, História e Novas Tecnologias. **Impulso** (Piracicaba), v. 12, p. 175-186, 2001.

¹¹ BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Edunesp, 1991.

¹² MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, R. D. P. Memória, História e Novas Tecnologias. **Impulso** (Piracicaba), v. 12, pp. 175-186, 2001.p.181.

¹³ Idem.Ibdem.

Um aspecto levantado por Murguia e Ribeiro (2001, p. 183), me faz pensar sobre algo que de certa forma me incomoda ao tempo em que me conforma nessa discussão entre patrimônio cultural, blogs e educação:

[...] A lembrança do computador é aleatória, qualquer dado serve a qualquer momento, sem se importar com a ordem ou a sequência. Aliás se alguma sequência pode ser feita, ela é dada pelo sujeito, e não mais pelos objetos. O que significa um ordenamento subjetivo e relativo, e não mais absoluto.¹⁴

Ora, não seria essa a ação do historiador? Não tem sido assim as últimas escritas da história? Então, o que muda mesmo? Se ainda que se afirme que com web o sujeito de algum modo é separado da memória, sendo está agora um ente objetivo (um byte), afastado do sujeito, assim como nesse quem garante a sua perpetuação dos antigos: a mnemonise ou os feixes de luz que se transformam informação virtual? Não vejo muita distância entre uma e outra, pois em comum se debatem sobre a perenidade das coisas humanas.

Existe uma emergência de uma informação que agora é dado. Isso põe em questão uma série de coisas que tem sido muito cara à história e para com quem lida com patrimônio cultural, mas não se podem negar as mudanças e vê-las e encará-las como fenômenos históricos.

Se, antes, algo era verdadeiro na história, isso ocorria pelo fato de ser explicado num tempo, num lugar determinado, devidamente documentado. O critério de verdade tinha de ser demonstrado. Hoje, as novas tecnologias constituem-se no aval suficiente para depositarmos nossa confiança nas mensagens por elas geradas e transmitidas. O rigor científico é trocado pela eficácia tecnológica.¹⁵

Tais reflexões até aqui elencadas e expostas me levam à decisão que tive quando assumi a cadeira de Patrimônio Cultural no Departamento de História da Universidade Federal em Sergipe, no início de 2009. Elas me encaminharam para a necessidade de inserir essa discussão em torno das novas tecnologias, dentro daquelas assertivas do oportunismo pedagógico e do didatismo. Curiosamente, me vi programando páginas de internet e investindo em meios cibernéticos para exercer meus ofícios (de professor e de pesquisador). De webdesigner de última hora a blogueiro inveterado, reunir em torno de

¹⁴ Idem. p. 175-186.

¹⁵ MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, R. D. P. Memória, História e Novas Tecnologias. **Impulso** (Piracicaba), v. 12, pp. 175-186, 2001.p.186

meu fazer acadêmico ferramentas as mais diversas, capazes de refinar, também, a arte de ensinar.

Dentro das perspectivas defendidas por William Eduardo Righini de Souza¹⁶ de mediação, apropriação simbólica e protagonismo cultural, está na rede mundial de computadores o blog História, Memória e Patrimônio (<http://franklindhufs.blogspot.com>), com resultados que em grande medida vão ao encontro de tudo que vimos dizendo até agora. Espaço reservado para a interatividade acadêmica dos alunos, professores e pesquisadores do Departamento de História da UFS, no âmbito do ensino e da pesquisa histórica, de modo especial do Patrimônio Cultural, o blog cumpre e atende as novas necessidades do ensino de história e da formação de professores.

Com uma frequência boa de acessos, o blog História, Memória e Patrimônio (<http://franklindhufs.blogspot.com>) tornou-se num campo reservado para as postagens e interatividade de textos, áudios, vídeos e dados de diversas categorias e aspectos, o blog História, Memória e Patrimônio traz como peculiaridade a publicação de artigos escritos pelos alunos do primeiro período do Curso de Licenciatura em História da UFS, resultado das leituras e reflexões, bem como atividades desenvolvidas na disciplina Patrimônio Cultural.

Curiosamente, as estatísticas do blog demonstram que a procura dos internautas é exatamente por textos de nossos alunos, de fôlego curto (praticamente uma dissertação produzida a cada unidade avaliativa), mas que trazem a perspectiva do aluno iniciante na formação do professor de história sobre patrimônio cultural.

Nesse sentido, vale pensar sobre um conceito norteador dessa atividade acadêmica que é o de **mediação cultural**¹⁷, aqui entendida como algo que se

[...] limita a apenas à transferência de informação, mas cria condições para os indivíduos [leia-se aqui nossos alunos] possam discernir, refletir, questionar e transformar todo o universo cultural que os rodeia. Ao invés de pensar o mediador apenas como um intermediário, uma “ponte” entre informação, a cultura e o indivíduo, parece ser mais promissor pensar o mediador como alguém que oferece condições para que os sujeitos desenvolvam seus próprios fins.¹⁸

¹⁶ SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. A Cidade como Lugar de Memória: Mediações para a apropriação simbólica e protagonismo cultural. **Revista Eletrônica de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS. Unirio. v.2.n.2 – jul/dez de 2009.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Idem. p. 64

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor também é de seu lado um profissional da informação ao tempo em que é um mediador cultural. A noção de mediação cultural aqui exposta, por suas possibilidades diversas, pode atender a vários fins educacionais em cuja essência está a produção cultural e a apropriação dela. Isso acontece quando são postados, de alguma forma, blogs, como o que exemplifica esse texto, sobre patrimônio cultural na net. O emissário da informação contida neles apropria-se de seu conteúdo, interpreta-o e ressignifica-o, sendo ele também um produtor de cultura.

Como se vê, a esfinge não é assim tão assustadora e indecifrável. Resta saber que tipo de Avatar você quer ser nesse tempo presente marcado pelas relações sociais, políticas, econômicas e culturais cibernéticas. Pondero que é melhor continuar tentando ser humano, assumindo sua condição humana e sabendo navegar nesse “infomar” (como diria Gilberto Gil¹⁹), sobrevivendo, adaptando-se e readaptando-se e esse tsunami de bytes que invadem nossas vidas e até põe em cheque nossa mais abrangente noção de patrimônio cultural.

Blogando com desprendimento e maestria nessa “infomará”, atenderemos de alguma forma nossos objetivos, afinal o que é educar se não o esforço de compartilhar a capacidade de enxergar o mundo com suas próprias condições e perceber que há mais possibilidades de aprendizagem em tudo do que no pouco que nos querem apresentar como bloqueado, deletável, efêmero e virtual.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o Futuro**; Tradução Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Edunesp, 1991.

EAGLETON, Terry. **Depois da Teoria**. Um Olhar sobre os Estudos Culturais e o Pós-Modernismo. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.

¹⁹ Pela internet. In: Quanta. CD. Warner Music. 1997. (faixa 11)

HARTOG, François. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 22, nº 22, nº 36: p. 261-273, Jul/Dez. 2006. p. 271.

MURGUIA, Eduardo Ismael; RIBEIRO, R. D. P. Memória, História e Novas Tecnologias. **Impulso** (Piracicaba), v. 12, p. 175-186, 2001.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. A Cidade como Lugar de Memória: Mediações para a apropriação simbólica e protagonismo cultural. **Revista Eletrônica de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio** – PPG-PMUS. Unirio. v.2.n.2 – jul/dez de 2009.

Pela internet. In: Quanta. CD. Warner Music. 1997. (faixa 11).

Revista Veja. Seção Sobe e Desce. Editora Abril, Rio de Janeiro, Edição 2211, Ano 44, nº 14, 2011. p. 54.

<http://franklindhiufs.blogspot.com>